

Na verdade, com três exceções (não apodrecimento da mandioca, produção abundante de arroz, não referência à seca mas à escassez de chuva), ocorre a mesma situação geral de privação e de busca de lenitivo.

Os entrevistados deram uma especial ênfase ao desemprego. Em Angoche-sede, por exemplo, mulheres de um grupo de *tubo* afirmaram:

“O desemprego é a guerra que Angoche sofre, até as pessoas pensam que Angoche é da Renamo, não, só o problema é o desemprego, todas as fábricas de caju, Emopesca, fábrica de descasque de arroz, está tudo fechado.”¹⁵²

Os postos de saúde são, sempre, um problema:

“Quando temos malária vamos ao hospital, recebemos aspirina, se levamos galinha aí o enfermeiro pode-nos atender rápido.”¹⁵³

DISTRITO DE MOMA

Posto Administrativo de Larde/Larde-sede, aldeias de Nhatere,

Maganha e Namichiri

A essência dos acontecimentos que vamos narrar, acompanhados, uma vez mais, de longos extractos dos depoimentos, não é distinta da que pertence a Momba e a Angoche, salvo talvez na sua complexidade, na sua dramaticidade.

Por todo o lado, como veremos, existe tensão, dor, apreensão, tristeza sem perímetro.

¹⁵² *Ibid.*

¹⁵³ *Ibid.*

Logo à chegada à sede de Moma um funcionário administrativo disse-nos que tínhamos feito bem em contactar o posto pois o “o povo é complicado (...), confunde tudo”¹⁵⁴.

Este tipo de crença redutora já apareceu várias vezes no nosso texto com as variantes “população ignorante” e “população analfabeta”. Mas as coisas são bem mais complicadas.

Um professor de Larde-sede disse-nos que as pessoas pensam que a cólera

“é uma doença feita para as pessoas pobres, elas questionavam que as pessoas da saúde, educação e administração não apanhavam a doença, só os pobres e diziam vocês sabem que estão a trazê-la. As pessoas aqui acreditam que doenças novas estão a aparecer, são doenças fabricadas, principalmente a cólera.”¹⁵⁵

Interrogado sobre se a Renamo era a responsável pelo boato, respondeu-nos dizendo que “não há provas que membros da Renamo estiveram envolvidos, mas a Renamo aproveitou-se.”¹⁵⁶

Confrontado com o mesmo tema, um enfermeiro do posto de saúde de Larde disse-nos que somente ouvira na rádio que as manifestações eram da oposição¹⁵⁷. Esse mesmo enfermeiro deu-nos conta de que devido às manifestações houve pessoas doentes que morreram por lhes ser interdita a entrada no posto de saúde, acrescentando que “quando notámos já era tarde, acabavam por morrer”¹⁵⁸.

Entretanto, quando pretendemos saber onde morava o régulo (...) de Nhatere, um senhor de meia-idade, por nós interpelado, disse-nos que ali não se conheciam “régulos”, só secretários de célula,

¹⁵⁴ *Ibid.*

¹⁵⁵ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ *Ibid.*

“porque esses régulos aqui é confusão”¹⁵⁹. Este era, claramente, um indicador de um conflito já anteriormente verificado nos outros dois distritos.

Lá se encontrou o régulo (...), na aldeia de Nhatere. Crianças estavam presentes quando começamos o diálogo. O régulo mandou-as sair e disse que havia muito tempo que isso não acontecia, as crianças estarem presentes junto dos adultos e à frente do régulo. É que hoje, disse, as crianças não têm medo, é questão de *emuavano* (modernidade).

Que havia muito problemas na zona, acrescentou. Por um lado, a Renamo cria muitos conflitos, fazendo reuniões dizendo que ganhará as eleições municipais de 2003; mas, por outro lado, existe um conflito com os “nossos”. Quais “nossos”, quisemos saber?

“Esses nossos esses secretários da célula, eles dizem que nós os régulos estamos a lhes tirar o poder, quando eles tratam com o povo falam que nós os régulos não somos nada, os secretários das células não querem que os régulos resolvam os problemas (...). Eu aqui não resolvo problemas, só sou régulo.”¹⁶⁰

Contou o régulo que problemas como adultério, agressões, bebedeira e conflitos de terra eram tratados pelo secretário. Até as senhas de imposto e as taxas de bicicleta estavam sob seu controlo. E acrescentou, entrando no tema que nos interessava:

“Até naquele tempo das confusões [da cólera] aqui em Nhatere eu escapei das confusões mas os secretários passaram mal, foram batidos, incendiadas as suas casas.”¹⁶¹

Contou ainda o régulo que em Nhatere e Namichiri “era mesmo confusão”, que em Namichiri tinham sido queimadas mais de 30 casas no fim de 2001, que o secretário da célula tinha sido agredido e que a polícia de Nampula teve de vir reforçar a polícia do Larde.

¹⁵⁹ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁶⁰ *Ibid.*

¹⁶¹ *Ibid.*

Interrogado sobre como a “confusão” começara, o régulo (...) afirmou:

“Eu não sei, primeiro o povo escutava que outros lugares como Nacala e Memba as pessoas estavam a fazer confusão porque não queriam cólera nas suas zonas. Então aqui no Larde começou por haver reunião lá no posto com o chefe do posto e todos os chefes como régulos, partido político, pessoas da saúde, professores, secretário foram na reunião e quando voltaram para casa o povo começou a dizer que foram receber cólera para distribuir mas régulo daqui Nhatere e delegado na Renamo não foram atingidos, os da Renamo não foram na reunião onde se recebia cólera e eu sou régulo só de nome.”¹⁶²

Disse que tinha morrido muita gente de cólera no Larde.

Entretanto, uma senhora sentada junto do régulo interveio para contar que a confusão começara quando algumas “estruturas bêbedas” que tinham estado na reunião foram passando no mercado e em outros sítios onde as pessoas se concentravam e conversavam, anunciando que “hoje vão cagar como patos velhos toda a noite é melhor se preparar”. Então, havendo tanta gente doente e a morrer, com muitas pessoas a ir e a vir anunciando doença ou falecimento,

“(...) o povo com esse cansaço todo e com o mau atendimento no hospital concluiu que sim, as estruturas receberam cólera, mas não era cólera era cloro para pôr na água.”¹⁶³

O povo recusa o cloro e o problema é que o governo trouxe o cloro “no meio da doença da cólera”¹⁶⁴ – acrescentou a senhora. Acresce que o povo não ferve a água argumentando que água fervida tem mau sabor, mas que estaria receptivo ao cloro desde que fosse ensinado. Esse povo ficou confuso quando “falou-se na rádio que cólera chega no dia X e termina no dia X”. Ora,

¹⁶² *Ibid.*

¹⁶³ *Ibid.*

¹⁶⁴ *Ibid.*

“(...) o povo leva tempo para aprender (...), como o povo é analfabeto no meio de tanta lágrima o cloro não passa de um veneno que veio para matar.”¹⁶⁵

Uma vez mais encontramos uma redução, já familiar, do povo ao estatuto de analfabeto.

Ainda que analfabeto, esse povo está, porém, vigilante e ele, régulo (...), inquieto:

“Eu não sei se não vão dizer que hoje recebi cólera porque as pessoas desta zona cada coisa é cólera, o povo está vigilante (...).”

Os investigadores da nossa equipa de pesquisa correram, assim, o risco de surgir, na sua condição de *acunha* externos, como introdutores da cólera.

O cenário manteve-se numa entrevista em foco feita a controladores do poço local e camponesas de Nhatere.

Ainda que receosas, as pessoas falaram e disseram que não se punha cloro no poço local porque a população suspeitava que o cloro trazia a cólera, que era necessário um aviso prévio e que a pessoa que viesse explicar o que era o cloro devia “pôr no copo e beber na presença de todos”¹⁶⁶.

Disseram que houve muitos disparos no dia 24 de Fevereiro, que a “tropa” vasculhara tudo.

A “confusão” começara porque, nas palavras de um depoente,

“(...) são estruturas malucas (...) são estruturas do governo, nesse tempo andaram agitar as pessoas aqui no bairro, encontravam pessoas sentadas e diziam “Ah!, vocês amanhã vão defecar como patos, tenham cuidado!”, mesmo nos mercados a linguagem era a mesma, nos

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.*

lugares onde se bebia assim mesmo. E no rádio avisavam que no dia X começa cólera e no dia X termina, então aqui em Larde começou a cólera, a morrer muita gente, então a população começou a pensar que aquela estrutura maluca sabia, então a população começou a fazer manifestações e num dia à noite veio um carro que saía do posto com tropa, veio até lá na ponta da alta, começou a disparar e nós aqui ficámos muito mal e assim o povo daqui anda desconfiado, mas já deixaram de falar, só que não querem é ver cloro, porque não sabem, nunca tivemos explicação.”¹⁶⁷

Uma camponesa acrescentou:

“(...) aquele tempo da cólera quando uma pessoa fosse ao hospital e se não tivesse 50.000,00 Mts podia morrer, as coisas que ali se faziam era triste.”¹⁶⁸

No bairro da Maganha, onde a SNV tem uma CDL, um homem idoso que andava numa bicicleta foi acusado de trazer cólera, mas, graças ao trabalho da CDL, “o povo entendeu” e não lhe fez mal¹⁶⁹.

Técnicos da SNV foram interpelados e acusados de serem portadores de cólera.

Um deles contou-nos o seguinte:

“Em relação aos boatos, estes começaram em Larde, foi aqui onde surgiram as campanhas de desinformação e acreditava-se que eram os nossos colegas que estavam a distribuir a cólera, por isso as comunidades de Aúbe passaram a acreditar, foi numa zona próxima de Larde (...). Na altura da desinformação não havia cólera em Aúbe, só mais tarde é que surgiu. Na minha maneira de ver existe uma contradição política, nós quando estávamos a mobilizar a população, há pessoas que afirmavam que

¹⁶⁷ *Ibid.*

¹⁶⁸ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁶⁹ *Ibid.*

nós recebíamos dinheiro do governo para distribuir pela população mas não fazíamos isso, essas zonas são da influência da Renamo, penso que é a oposição que fomenta o boato. Quando surgiu o boato as pessoas não deixavam passar os carros da SNV, ficaram contra a SNV. As pessoas têm acesso à rádio, acompanham as informações, só que interpretam mal, interrogam-se sobre o facto de a rádio passar a informação de que a cólera ia entrar e sair em tal data, em tal zona. Antes de começar a desinformação não houve campanhas para colocação de cloro em Aúbe. As pessoas acreditam nesses boatos, em parte porque são analfabetas, não sabem interpretar as informações, é como nas campanhas eleitorais em que acreditam em todos os candidatos que aparecem. Foi isso que aconteceu em relação a cólera, acreditaram que a cólera estava a ser espalhada. Pode também estar ligado com os problemas económicos.”¹⁷⁰

Esta foi o único depoente que imputou à Renamo a “campanha de desinformação. Solicitado a fornecer evidências da afirmação, disse-nos que não as tinha.

Um outro técnico da SNV afirmou:

“Agora as pessoas já conhecem o cloro, antes não conheciam. No posto de saúde local, em Larde, o cloro só foi colocado depois da eclosão da cólera. Muita gente morreu, não tenho o número. Registou-se uma tentativa de agressão ao régulo (...) de Larde, esse régulo teve que sair da sua zona e vir para a cidade de Nampula. Os agitadores são de “idade média”, essencialmente homens mas também existiam mulheres. A polícia que esteve em Larde na altura da confusão já saiu. Acredito que o analfabetismo também tenha contribuído para o facto de o boato ter-se espalhado, nessa zonas as pessoas acreditam que existe um número determinado de doenças e que as “novas” que aparecem só podem estar a ser colocadas por

¹⁷⁰ FA, entrevista feita em Nampula a 05/08/02. Este depoente afirmou que o chefe do posto administrativo fora agredido por 250 pessoas numa zona próxima de Larde, o que não se comprovou.

alguém. Ninguém prova que um enfermeiro esteve a colocar a cólera. Quando tudo começou nós andávamos de motas vermelhas novas e andávamos com cantis de água, onde diziam que colocávamos cólera. Diziam também que colocávamos cólera no tanque de gasolina e a cólera era espalhada pelo tubo de escape. No dia do incidente, 8 de Fevereiro deste ano, nós íamos de mota, eu ia mais à frente, o meu colega vinha depois, as pessoas cercaram o meu colega e começaram a revistar o que ele trazia, descobriram comprimidos para desinfetar a água, eles logo disseram que eram comprimidos da cólera. Também o pão que trazíamos, disseram que tinha cólera. Nessa zona não tem CDL, não havia cólera na altura em que começaram os boatos, só havia cólera no bairro vizinho, entre Namichiri e Natthere. Nessa zona as pessoas reuniram-se e foram ao posto de saúde local pedir explicações ao técnico, como era um grupo grande e já tinha havido problemas em outras zonas, o técnico ficou com medo e fugiu, foi ter com o chefe do posto, este mobilizou a polícia que disparou para o ar, as pessoas fugiram. Depois desse incidente, mais tarde as pessoas queimaram casas, em Namichiri queimaram a casa do chefe do posto e do representante da Direcção da Juventude e Desportos. Em Angoche, onde existia o centro de tratamento de cólera, tinha um polícia a guardar a entrada. Em Larde o juiz do tribunal comunitário foi agredido.”¹⁷¹

Com este entrevistado, regista-se, uma vez mais, a atribuição da crença ao analfabetismo. Analfabetismo, ignorância, população ignorante e povo confuso são expressões que pertencem todas a uma mesma concepção imputacional que descerebraliza os alvos e lhes dá o estatuto de uma massa porosa, permeável ao vírus da inferência pré-lógica e aos políticos.

À causalidade por via política (oposição provoca a crença) cola-se a causalidade por via da ignorância. O sujeito transforma-se em objecto, amorfo no primeiro caso, irracional no segundo.

¹⁷¹ JR, entrevista em Nampula a 05/08/02.

nós recebíamos dinheiro do governo para distribuir pela população mas não fazíamos isso, essas zonas são da influência da Renamo, penso que é a oposição que fomenta o boato. Quando surgiu o boato as pessoas não deixavam passar os carros da SNV, ficaram contra a SNV. As pessoas têm acesso à rádio, acompanham as informações, só que interpretam mal, interrogam-se sobre o facto de a rádio passar a informação de que a cólera ia entrar e sair em tal data, em tal zona. Antes de começar a desinformação não houve campanhas para colocação de cloro em Aúbe. As pessoas acreditam nesses boatos, em parte porque são analfabetas, não sabem interpretar as informações, é como nas campanhas eleitorais em que acreditam em todos os candidatos que aparecem. Foi isso que aconteceu em relação a cólera, acreditaram que a cólera estava a ser espalhada. Pode também estar ligado com os problemas económicos.”¹⁷⁰

Esta foi o único depoente que imputou à Renamo a “campanha de desinformação. Solicitado a fornecer evidências da afirmação, disse-nos que não as tinha.

Um outro técnico da SNV afirmou:

“Agora as pessoas já conhecem o cloro, antes não conheciam. No posto de saúde local, em Larde, o cloro só foi colocado depois da eclosão da cólera. Muita gente morreu, não tenho o número. Registou-se uma tentativa de agressão ao régulo (...) de Larde, esse régulo teve que sair da sua zona e vir para a cidade de Nampula. Os agitadores são de “idade média”, essencialmente homens mas também existiam mulheres. A polícia que esteve em Larde na altura da confusão já saiu. Acredito que o analfabetismo também tenha contribuído para o facto de o boato ter-se espalhado, nessa zonas as pessoas acreditam que existe um número determinado de doenças e que as “novas” que aparecem só podem estar a ser colocadas por

¹⁷⁰ FA, entrevista feita em Nampula a 05/08/02. Este depoente afirmou que o chefe do posto administrativo fora agredido por 250 pessoas numa zona próxima de Larde, o que não se comprovou.

alguém. Ninguém prova que um enfermeiro esteve a colocar a cólera. Quando tudo começou nós andávamos de motas vermelhas novas e andávamos com cantis de água, onde diziam que colocávamos cólera. Diziam também que colocávamos cólera no tanque de gasolina e a cólera era espalhada pelo tubo de escape. No dia do incidente, 8 de Fevereiro deste ano, nós íamos de mota, eu ia mais à frente, o meu colega vinha depois, as pessoas cercaram o meu colega e começaram a revistar o que ele trazia, descobriram comprimidos para desinfetar a água, eles logo disseram que eram comprimidos da cólera. Também o pão que trazíamos, disseram que tinha cólera. Nessa zona não tem CDL, não havia cólera na altura em que começaram os boatos, só havia cólera no bairro vizinho, entre Namichiri e Nathere. Nessa zona as pessoas reuniram-se e foram ao posto de saúde local pedir explicações ao técnico, como era um grupo grande e já tinha havido problemas em outras zonas, o técnico ficou com medo e fugiu, foi ter com o chefe do posto, este mobilizou a polícia que disparou para o ar, as pessoas fugiram. Depois desse incidente, mais tarde as pessoas queimaram casas, em Namichiri queimaram a casa do chefe do posto e do representante da Direcção da Juventude e Desportos. Em Angoche, onde existia o centro de tratamento de cólera, tinha um polícia a guardar a entrada. Em Larde o juiz do tribunal comunitário foi agredido.”¹⁷¹

Com este entrevistado, regista-se, uma vez mais, a atribuição da crença ao analfabetismo. Analfabetismo, ignorância, população ignorante e povo confuso são expressões que pertencem todas a uma mesma concepção imputacional que descerebraliza os alvos e lhes dá o estatuto de uma massa porosa, permeável ao vírus da inferência pré-lógica e aos políticos.

À causalidade por via política (oposição provoca a crença) cola-se a causalidade por via da ignorância. O sujeito transforma-se em objecto, amorfo no primeiro caso, irracional no segundo.

¹⁷¹ JR, entrevista em Nampula a 05/08/02.

Entretanto, uma parteira, membro da CDL local, afirmou:

“Essa situação era para todo aquele que é estrutura, mesmo nós que somos parteiras estávamos com um pé no chão e acabávamos de receber a formação em Moma e então deram-nos javali [quis dizer *javel*] (...) Então quando recebemos javali tínhamos que esconder mesmo porque iriam acusar-nos de trazer a cólera.”¹⁷²

As “estruturas” surgem assim como uma versão moderna dos velhos *madjini*. Na visão popular, eles são a encarnação das forças do Mal.

Em Larde-sede, também o régulo (...) nos disse que havia más relações com os secretários de bairro “apesar de todos trabalharmos para o nosso partido Frelimo, só que eles não deixam que o pão venha para nós (...)”¹⁷³

São os secretários, acrescentou, que cobram os impostos, tratam das estradas, resolvem *milandos*, controlam a população e fiscalizam o pagamento das taxas de bicicleta¹⁷⁴.

Contou ainda que tinha sido muito humilhado no “tempo da cólera”, por ter sido acusado de introduzir a doença. A rádio avisava que a cólera havia de chegar num certo dia e sair num outro e o povo perguntava-se como é que a cólera podia ser assim *planificada*¹⁷⁵. E contou, num depoimento dorido e dramático, a forma como foi despedido por um grupo de mulheres que o acusou de distribuir a cólera:

“Quando no bairro de Namichiri eclodiu e numa parte de Nhatere, eu estava aqui em casa, às tantas vejo um grupo de mulheres todas agitadas e nervosas a entrar na minha casa e elas falaram que eu devia tirar fora a cólera, que eu estava a acabar com os seus filhos, sinceramente fiquei sem jeito, comecei a tremer, quando eu queria fugir elas me agarraram e começaram a tirar a minha camisa, olha

¹⁷² Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁷³ *Ibid.*

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ *Ibid.*

todas vieram sobre mim, umas rasgavam a minha camisa e outras as calças e eu fiquei de biquini, corri até no palácio do chefe do posto, elas vieram até lá mesmo, eu sem jeito, é quando apareceu a polícia, disparou e elas se foram embora. Eu até para contar esta história me arrepio¹⁷⁶, fiquei de cuecas aqui no bairro a fugir como maluco só por causa duma coisa que não fiz, eu nunca distribui cólera.”¹⁷⁷

Interrogado sobre se por trás dos acontecimentos havia uma força política, o régulo (...), que nos mostrou o seu cartão de membro do partido Frelimo, respondeu:

“Partidário eu não acho, só que o povo de Larde é muito burro, ignorante, analfabeto, porque nessa acção de grande agitação havia todo o tipo de pessoa, Frelimo, Renamo, Pimo, etc., eu que vi pessoas a me tirar a roupa e conheço a elas e os seus partidos não digo que é tal cor (...)”¹⁷⁸

No bairro Namichiri, no qual foram destruídas mais de 30 casas nos tumultos, uma *pwyamwene* (...) e o seu marido contaram-nos a propósito desses tumultos:

“Eh pá!, nem queiras imaginar desgraças que aconteceram aqui, mais de 30 casas estragadas. Olha, aqui um dia em Namichiri tinha aparecido a cólera, então a população ficou agitada com essa doença sem saber onde vinha e que eram as estruturas do governo como secretários, régulos, juiz presidente do tribunal comunitário e outros que

¹⁷⁶ É evidente, aqui, neste fenómeno eventualmente único da história moçambicana, a subversão feminina da “dominação masculina”, para fazermos uso de uma expressão de Pierre Bourdieu. É possível que as consequências deste atentado à dominação masculina sobrelevem os efeitos da corrosão do secular respeito devido a essa entidade simultaneamente havida por metasocial e “natural” que é o chefe tradicional. O “Eu até para contar esta história me arrepio” é, a esse respeito, emblemático. Estamos perante uma violência simbólica desta vez impostas por mulheres a um homem, diante do eclipse da virilidade masculina, face a um parêntesis temporário na regência androcêntrica. Veja, entretanto, Bourdieu, Pierre, *La domination masculine*. Paris: Seuil/Essais, 1998.

¹⁷⁷ *Ibid.*

¹⁷⁸ *Ibid.*

recebiam a cólera (...) O *muene* (...) foi tirado roupa e ficou sem roupa um régulo! No *muene* (...) tinha falecimento do seu sobrinho que morreu de cólera, era um jovem. Depois do enterro os jovens se organizaram, e eu vinha atrás e eles diziam “nós vamos acabar, estamos a morrer como formigas, o que vamos fazer”, esta situação as estruturas do Larde sabem, essa não é forma de morrer, hoje vamos resolver esta merda, vamos em todas as casas fazer merda!”¹⁷⁹

À noite, às 22 horas, contou o marido da *pwyamwene* que quando saiu para urinar viu jovens na rua, com paus e pedras, começaram a queimar e a partir, o bairro ficou em chamas, dias depois surgiu a polícia e

“(...) até aqui onde eu estava comecei a tremer, mijeí nos calções, é quando falou um tropa “papá, não molhar calções, bom dia, nós queremos *osura*”, eu a tremer fui buscar 10 litros de *osura*, eles levaram para onde estavam e começaram a beber, começaram a dividir o pão e sardinhas (...)”¹⁸⁰

Sobre o cloro, o marido da *pwyamwene* disse que aquele que fosse apanhado a pôr cloro nos poços seria imediatamente morto e que o governo deveria ter sensibilizado previamente as pessoas¹⁸¹.

Foi depois a vez de escutarmos uma pessoa considerada influente na área, que nos disse que em Março do corrente ano eclodira a cólera na região, que “muita gente morria no isolamento, era entrada de doente e saída de morto”¹⁸², que a primeira “confusão” surgiu de 4 para 5 de Abril deste ano, os manifestantes colocaram troncos na estrada para que os carros não passassem, polícias chegados de viaturas com enfermeiros tiraram os troncos, dispararam e foram-se embora, mas a partir daquele dia ninguém podia passar depois das 17 horas. No dia 9 de Abril, 100 mulheres foram à sede do posto,

¹⁷⁹ *Ibid.*

¹⁸⁰ *Ibid.*

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² *Ibid.*

acompanhadas e yigiadas pelos maridos e falaram com o chefe do posto nos seguintes termos:

“Senhor chefe do posto, primeiro sabes que nascer dói e custa sacrifício?, segundo que ver um homem saudável de repente a morrer provoca dor? (...) [Antes do] chefe do posto começar a responder às questões colocadas pelas mulheres a polícia apareceu e começou a disparar e elas fugiram, estes acontecimentos foram registados no quintal do chefe do posto. Algumas mulheres foram capturadas junto com alguns homens, receberam ameaças, um grupo de 11 pessoas foi levado para Moma, desse grupo 3 eram mulheres todas de Namichiri, foram ouvidas pelo juiz, três saíram e oito ficaram por julgar”¹⁸³.

Três dias depois:

“(...) começaram a circular os moços da SNV, como a população não sabe qual é o projecto da SNV os moços circulam na estrada a tanta velocidade sem respeito de condução com os cantis e o povo questionou o que eles levam nesses cantis, o que fazem aqui no Larde, foram interpelados com a população e na pasta deles foram encontrados seringas, comprimidos e justificaram dizendo que tratavam cabritos, um dos homens que trabalha na administração (...) foi [lá] informar que os moços da SNV foram interpelados, vieram polícias e quando chegaram aqui não havia entendimento, o chefe do posto que vinha com a polícia começou a insultar a população, seus filhos da mãe, sujos, por isso morrem de cólera, dali mandou capturar 4 moços, esse moços foram conduzidos a Larde, depois para Moma, não tinham nem ordem nem processo, os técnicos da SNV acusaram a população em como foram roubados 5 milhões de meticais, mas é mentira.”¹⁸⁴

O influente entrevistado continuou dizendo que a confusão prosseguiu e que no dia 1.º de Maio não houve festejos, só patrulhamento, a polícia vasculhou o bairro e ao querer deter um

¹⁸³ *Ibid.*

¹⁸⁴ *Ibid.*

ço este recusou e foi buscar uma azagaia a casa, a polícia não disparou porque havia muita gente concentrada, mas à noite saiu do bairro a disparar para o ar. Uma semana depois, contou o nosso entrevistado, vieram ministros (Saúde e Justiça), também, o governador, este prometeu que iria averiguar a verdade dos factos¹⁸⁵.

Segundo ele, se as coisas se passaram como se passaram foi porque “o governo assim o quis”, governo que não fez nem faz educação cívica. Acresce, adiantou, que os projectos que aparecem não têm em conta os interesses locais. Há o risco de um dia surgir uma guerra em Moçambique,

“Os projectos que aqui entram de qualquer maneira sem uma pesquisa forte do que o povo quer, do que o povo sabe fazer, essa situação dos projectos devia-se estudar outras maneiras de trabalho para ocupar o jovem porque vai surgir uma guerra em Moçambique, uma guerra sem presidente nem chefe porque o jovem sente-se abandonado na sua própria terra e com o seu governo”¹⁸⁶.

A “terra está estragada” e não vê, por exemplo, o que fazem

“os vermelhos [alusão às motas vermelhas da SNV] que passam aqui, mas desde a confusão da cólera deixaram de passar, SNV o que fazem não sei, passam aqui a velocidade sem cuidado”¹⁸⁷.

O régulo (...) não tem uma visão diferente:

“(...) eu vejo aqui a passar uns homens com motas vermelhas com cantil atrás a voar na estrada onde vão não sei, dizem que são técnicos da SNV, mas esses quando passam aqui nem sabem que passam numa estrada que passam crianças (...)”¹⁸⁸.

¹⁸⁵ *Ibid.*

¹⁸⁶ *Ibid.*

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ *Ibid.*

O trabalho executado pela SNV é respeitado nas áreas onde CDLs. Mas dois fenómenos ocorrem: por um lado as pessoas que estão nas CDLs desejam mais coisas, mais obras. Como observou a nossa colega Helena, “democracia com fome, com falta de escolas, postos de saúde, água e emprego, não funciona”¹⁸⁹; por outro, nas terras onde a SNV não opera, existe, uma mistura de ciúme e desconhecimento dos objectivos da organização.

Acresce que - e este é um aspecto capital -, actuando em zonas de privação e tensão, em absoluta situação de crise, nas quais mulheres e jovens estão inquietos, com uma forte cultura de doação, porventura com um forte sentimento de que as ONGs devem dar peixe e não ensinar a pescar, as motas vermelhas da SNV, com a celeridade com que passam, sem que os condutores acenem ou respondam aos cumprimentos ou se preocupem em saber se alguém pode ser atropelado, assumem o papel de *madjini* motorizados, perigosos, distantes e fugazes. Mota e carro são símbolos de magia e espanto nas terras e ganham o rosto de emanações da modernidade e da abundância inatingíveis. A SNV arca com todos os ingredientes de estranheza típicos dos *acunha* (aí compreendidos os cantis, os comprimidos e, até, o próprio fumo do escape) e por isso os extensionistas assumem o papel clássico dos judeus de todas as novelas com bodes expiatórios, portadores de todos os sinais vitimários propícios à perseguição colectiva, à catarse e à crucificação. É natural que, por extensão e deslocamento, face à crítica que as populações fazem ao Estado, apareçam aos olhos dessas populações como simples emanação desse Estado.

Tal como nos outros distritos onde trabalhámos, também em Larde não encontramos alguém que nos dissesse que havia ou tivesse havido campanhas de prevenção contra a cólera ou o SIDA. As pessoas queixam-se amargamente da ausência de informação nesse campo.

O SIDA é conhecido via rádio, acredita-se que é uma doença vinda do estrangeiro através dos europeus ou produto de um Deus

¹⁸⁹ Helena Monteiro, *Diário...*, *op. cit.*

magoado com o comportamento humano e, tal como em Momba e Aúbe/Angoche, as crianças fazem balões com os preservativos¹⁹⁰.

A seca apoquentas as pessoas e se a mandioca também apodrece, é, porém, compensada pelo arroz (abundante por exemplo em Maganha, mas faltando em Namichiri).

O desemprego aparece com o principal problema, problema que, como nos disse um entrevistado, “não nos deixa ser pessoa”¹⁹¹. Nunca houve fábricas e a plantação de coqueiros da antiga Boror está inoperante, dedicando-se os jovens ao roubo e à venda dos cocos. Antigamente muitos (incluindo mulheres que ainda não tinham casado) iam trabalhar em Angoche, nas fábricas de caju, de descasque de arroz e na Emopesca. Mas, também, se ia para Natiri, Mirreri e Namitoria, para as plantações de sisal, mas hoje, disseram os nossos entrevistados, nada disso é possível¹⁹².

Resta o mar, mas acontece que

“(…) hoje o peixe não *morre*¹⁹³, mas há muito tempo quando o peixe não *morria* os *mapéwé*, *apwyamwene* e *chéhés* organizavam-se e iam fazer preces ao longo do mar pedindo a Deus, mas agora com essas religiões [referência explícita aos Alisunas] os jovens não querem fazer nada e as coisas andam mal para todos.”¹⁹⁴

A água, sempre fundamental como veículo de protecção do corpo contra a acção dos maus espíritos, existe, mas não é tratada (nem pensar em usar o cloro) e é frequentemente vermelha nos poços, que escasseiam¹⁹⁵.

¹⁹⁰ *Ibid.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹¹ *Ibid.*

¹⁹² *Ibid.*

¹⁹³ No sentido de que escasseia.

¹⁹⁴ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁵ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

Tal como em Momba e Aúbe/Angoche, as distâncias a percorrer são enormes, de muitos quilómetros (entre 5 e 20) quer para se chegar a um posto de saúde, quer para se chegar à escola.

“As escolas, cada bairro tem uma escola de capim, as crianças sentam no chão, o problema é para EP2, porque EP2 é só no Larde-sede. Então uma criança para fazer 25 quilómetros para ir fazer 6.^a ou 7.^a classe é difícil, por isso aqui as crianças deixam de estudar com a 5.^a classe ou 4.^a classe.”¹⁹⁶

As condições das escolas são precárias, não há carteiras, as crianças sentam-se invariavelmente no chão. Interrogado sobre por que não se falava com os pais para que estes ajudassem a construí-las, um professor de Português do EP2 afirmou que os pais não iriam aceitar “tirar dinheiro” porque as pessoas estão habituadas a receber ofertas, além de que os pais já se sentiam contentes por os filhos estudarem numa escola de alvenaria, não se importando de as ver sentadas no chão¹⁹⁷.

Acresce que como em Momba e em Aúbe/Angoche, são as poucas as raparigas que frequentam a escola, além de que a abandonam quando é a altura dos ritos de iniciação e dos chamados “casamentos prematuros”. Esta a razão por que se encontram apenas 2/3 raparigas nas turmas a partir da 6.^a classe¹⁹⁸.

Existem severas críticas ao atendimento hospitalar e, em especial, ao suborno¹⁹⁹.

Vídeo ambulante, rádio, curandeiros e igrejas constituem algumas das saídas simbólicas para a privação diariamente sentida²⁰⁰.

O Estado, esse é visto como ausente ou, então, como perverso.

¹⁹⁶ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁷ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

¹⁹⁸ *Ibid.*

¹⁹⁹ *Ibid.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰⁰ Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

A esse respeito, um carro novo é sinónimo de qualquer coisa de externo, de estrangeiro às necessidades locais e, especialmente, de oportunismo político.

Na feira de Curucuru, por exemplo, a meio caminho entre a vila-sede de Larde e o bairro de Natheré, a viatura da nossa equipa foi imediatamente motivo para o seguinte comentário:

“Ah! Que carro bonito! Esses quando vêm que o voto está próximo é assim que fazem, circulam dum lado para outro!”²⁰¹

4.3.3. Aspirações populares

As aspirações populares nos locais nos quais trabalhámos são quase todas tiradas a papel químico e podem ser sumarizadas da seguinte maneira:

Em Memba/Aldeia 7 de Abril: emprego, água em boas condições, poços, escolas, postos de saúde e melhores condições de atendimento, alfaias agrícolas, crédito, redes para a pesca e mandioqueiras²⁰²;

Em Angoche/Aúbe: emprego, água em boas condições, poços, escolas, postos de saúde dignos, uma ambulância (pedido feito em Aúbe), CDLs e crédito bancário²⁰³;

Em Moma/Larde: emprego, água em boas condições, poços com bombas manuais resistentes, represas, moageiras, escolas de alvenaria (as pessoas estão cansadas de repor o caniço de seis em seis meses²⁰⁴), postos de saúde, maternidades melhoradas e apetrechadas

²⁰¹ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰² *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰³ *Ibid.*

²⁰⁴ Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

com equipamento (balanças para pesar as crianças, por e) bicicletas e tractores para a faina do arroz²⁰⁵.

Nos três distritos, as relações com o Estado e com as ONGs são perspectivadas mediante seis eixos:

- Encontros regulares com as autoridades administrativas;
- Campanhas de esclarecimento e de prevenção sobre a cólera, devendo os funcionários provar primeiro a água tratada em frente aos habitantes;
- Tomada em conta das necessidades locais na elaboração de projectos;
- Integração de pessoas locais nos projectos das ONGs;
- Conjugação da assessoria com o investimento na construção de bens que sirvam as necessidades locais por parte das ONGs;
- Prudência na circulação rodoviária²⁰⁶.

4.3.4. Percepções de estudantes do EP2

Para avaliar o potencial de crença dos estudantes do EP2 em relação a certos fenómenos, administrámos o seguinte questionário, com 10 frases-estímulo:

²⁰⁵ *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

²⁰⁶ *Ibid.*